



Comunicação Científica de Iniciação à Docência

CERÂMICA E ARTE URBANA NA TEMÁTICA INDÍGENA: UMA ABORDAGEM NO ENSINO FUNDAMENTAL II

Angélica Kubo Pastorello¹

Vinicius Lucca Volpini²

Roberta Puccetti³

Luciana Abraão Tejada⁴

PIBID Artes Visuais
Agência Financiadora: CAPES
Eixo Temático:

Práticas Pedagógicas de Iniciação à Docência nos Anos Finais e Ensino Médio

Resumo

O presente artigo trata sobre as possibilidades de cruzamento entre a prática com diversas linguagens e materialidades e o conteúdo obrigatório estabelecido no ambiente escolar, através de experiências proporcionadas pelo Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência em Artes Visuais, em 2016, com alunos do Colégio Estadual Professora Maria José Balzanelo Aguilera, situado na região sul de Londrina/PR. Nesta vivência, foram realizadas duas propostas envolvendo a temática da cultura indígena. A primeira consistiu na análise de fotos e ilustrações a respeito da visibilidade indígena no Brasil atual, sua realidade e condição, aliado à exposição de obras do mexicano Pablo Delgado, que utiliza a arte urbana como crítica social da invisibilidade de indivíduos marginalizados. Assim, seguiu-se a proposta de utilizar o lambe-lambe como forma de expressão urbana nos espaços internos do colégio tratando a questão indígena. A segunda consistiu na confecção de um mural coletivo da turma, tendo painéis como os de Juan Miró como referência, sendo realizado utilizando placas de argila, onde os alunos desenharam elementos do seu cotidiano e também grafismos indígenas. Após o desenho nas placas de argila, os alunos visitaram uma casa de cerâmica onde observaram todo o processo de queima da argila e a rotina artística do local. Após a queima, o painel foi montado no interior do colégio. O objetivo desse artigo é demonstrar como o ambiente escolar pode ser espaço de experimentação de materialidades e linguagens artísticas, tendo como base o conteúdo já estabelecido, lidando com as instâncias reais de um ambiente escolar da rede pública.

¹ Graduanda no curso de licenciatura em Artes Visuais - UEL. E-mail: angellica.kubo@gmail.com.

² Graduando no curso de licenciatura em Artes Visuais. - UEL. E-mail: vinicius_volpini@hotmail.com.

³ Graduada em Educação Artística - Licenciatura Plena em Artes Plásticas pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (1985), Especialista em Arteterapia pela Universidade Castelo Branco (2007), Mestre em Educação pela PUC de Campinas (1995) e Doutora em Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba (2002). Professora Coordenadora do PIBID Aguilera. E-mail: robertapuccetti@yahoo.com.br.

⁴ Possui graduação em Educação Artística pela Universidade Estadual de Londrina (1994), graduação em Pedagogia pela Universidade Castelo Branco (2009) e especialização em Patrimônio e História pela Universidade Estadual de Londrina (2014). E-mail: lubraote@hotmail.com.



Comunicação Científica de Iniciação à Docência INTRODUÇÃO

Este trabalho está inserido no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência ou simplesmente PIBID, de Artes Visuais, o qual possui como objetivo principal estimular e desenvolver a prática docente para os graduandos em um ambiente escolar, além de proporcionar novas experiências e aprendizado no âmbito das artes visuais para os alunos da rede pública de ensino.

Dentro do PIBID, escolhemos a Educação não Formal enquanto Ação e o Colégio Aguilera enquanto espaço de atuação. Nesse processo, nós tivemos o auxílio e orientação de uma professora já formada na área e atuante naquele contexto, a qual teve o papel de tutora e guia durante toda a caminhada, a professora Luciana Abraão Tejada, sempre nos estimulando em sala de aula e nos ajudando na elaboração das propostas.

O PIBID de Artes Visuais consiste na inserção do graduando na sala de aula, para que estimule sua prática docente e traga a escola e o ambiente escolar para o seu cotidiano. Na primeira parte deste artigo, foi feita uma identificação do colégio em que as propostas foram realizadas, assim como sua concepção pedagógica, como forma de aproximar o leitor ao ambiente de atuação e sua realidade. Na segunda parte, discorreremos sobre as propostas de atividades em que pudemos conciliar diferentes materialidades e linguagens artísticas ao conteúdo obrigatório em Artes, especificamente, cerâmica e *lambe-lambe* no tratamento da temática da cultura e arte indígenas.

OBJETIVOS

Dentre os objetivos, temos a exploração e experimentação das possibilidades de cada linguagem artística; compreensão e utilização da arte enquanto linguagem; valorização, respeito e posicionamento crítico diante de produções artísticas individuais e coletivas; representação de ideias, emoções e sensações através da articulação de poéticas, entre outros; valorização da diversidade das práticas, assim como o cotidiano do aluno em conversas informais e a abertura do colégio a propostas de atividades no contra turno; relacionar as ações ao conteúdo obrigatório em sala de aula.



Comunicação Científica de Iniciação à Docência CONTEXTUALIZAÇÃO E REFERENCIAL TEÓRICO

O Colégio Estadual Professora Maria José Balzanelo Aguilera – Ensino Fundamental Médio e Profissional, foi fundado em 1987, inicialmente com o nome de Escola Estadual do “Conjunto Habitacional Annibal de Siqueira Cabral”, pela resolução nº 466/87. Situa-se na Rua Tarcisa Kikuti, 55, Conjunto Cafezal IV, região sul de Londrina. O bairro é de classe média-baixa, a maioria dos estudantes começam a trabalhar muito cedo, sendo que uma parcela bem pequena ingressa na faculdade logo após o Ensino Médio. O quadro de professores é formado por 96 profissionais, composto em grande parte por pessoas que residem no bairro ou que trabalham lá por muito tempo, o que gera uma proximidade grande com os estudantes, que no total somam 1353 entre crianças e adolescentes.

De acordo com a concepção de ensino-aprendizagem firmada no Plano Político Pedagógico do Colégio Aguilera,

A educação deve respeitar e valorizar os educandos, dando-lhes o papel de protagonista, junto com os educadores no processo de construção de conhecimento, rumo a uma autonomia que lhes permita atuar de forma consciente e transformadora no mundo em que vivem. (PPP Aguilera, 2017, p5)

Nesse sentido, a escola tem de ser entendida como um espaço de contato e diálogo entre todos os envolvidos no processo educacional, priorizando a integração, formação para a cidadania consciente, que é responsável e participativa. No documento também está prevista a consideração da história de vida do aluno, como fator determinante em seu processo de adaptação ao contexto escolar. Isso implica na consideração da cultura como elemento indissociável de seu desenvolvimento humano e escolar.

Nos Pressupostos Teóricos da Disciplina, encontra-se a defesa de uma arte que represente a realidade e expresse visões de mundo, retratando aspectos políticos, socioculturais e ideológicos. Enquanto nos campos conceituais, prioriza-se o conhecimento estético, que se relaciona à apreensão do objeto artístico nos seus aspectos sensíveis e cognitivos; o conhecimento artístico, relacionado com o processo criativo e o conhecimento contextualizado, que envolve o contexto histórico.

Dentre os objetivos, temos a exploração e experimentação de possibilidades de cada linguagem artística; compreensão e utilização da arte enquanto linguagem;



Comunicação Científica de Iniciação à Docência

valorização, respeito e posicionamento crítico diante de produções artísticas individuais e coletivas; representação de ideias, emoções e sensações através da articulação de poéticas, entre outros.

Todas essas considerações encontradas no PPP do Colégio Aguilera demonstram coerência com as Diretrizes Curriculares da Educação Básica, nas quais se espera que

os alunos adquiram conhecimentos acerca da diversidade de pensamento e de criação artística, para que possam expandir sua capacidade de criação e de desenvolvimento do pensamento crítico. (PPP Aguilera, 2017, p6)

Há também a defesa de que os conteúdos devem ser selecionados a partir de uma contextualização, abordados através do conhecimento estético e da produção artística. O enfoque esperado em tal documento funda-se nas concepções de arte no campo das teorias críticas, ou seja, arte enquanto ideologia, forma de conhecimento e trabalho criador.

Através de tais leituras e, principalmente, pelo período em que pudemos observar a atuação da professora Luciana, percebemos que se tratava de um ambiente muito propício às oficinas de cerâmica e *lambe-lambe* em conjunto com outras práticas e conteúdo.

AS ATIVIDADES

O ano de 2016 começa mergulhado em incerteza, e passamos a acreditar que talvez essa seja justamente a sensação que habita o cotidiano de quem escolheu a docência em escola pública. Mas muitas foram as diferenças com relação ao ano anterior, a começar pelas ocupações no Colégio Aguilera e no CECA (Centro de Educação, Comunicação e Arte) da UEL, em protesto ao Projeto de Emenda Constitucional 55 e à Medida Provisória 55, que preveem, respectivamente, o congelamento dos gastos públicos por 20 anos e a reforma do Ensino Médio que retira, além de outras ações, a obrigatoriedade de algumas disciplinas, como Arte, Educação Física, Sociologia e Filosofia.

Além da greve dos professores da rede estadual, as três categorias da UEL, servidores, docentes e estudantes, também decidiram pela greve como forma de protesto político aos governos estadual e federal. Em decorrência de tais acontecimentos, as ações no Colégio Aguilera aconteceram em tempos não regulares, em meio a momentos atípicos que nos demandavam atitudes criativas e contextualizadas. Com a readaptação do



Comunicação Científica de Iniciação à Docência

calendário escolar e tentativas de se trabalhar o conteúdo de forma efetiva e diversificada, duas das propostas para este ano no PIBID foram a de aproximar algumas ações ao conteúdo trabalhado em sala de aula, e a de trabalharmos em duplas ou em grupos.

Como referência da Arte Urbana, utilizamos o artista mexicano Pablo delgado, que trata da arte posta na cidade como forma de crítica à invisibilidade dos grupos marginalizados da sociedade, colocando pequenas imagens retratando esses grupos em rodapés de calçadas, muros e guias. Sobre a prática com cerâmica, consideramos seu grande potencial de expressão tridimensional, além de estar presente na mitologia da criação de diversos povos, incluindo os Kaingangs. Para a artista-educadora Celeida Tostes (1983), o fazer cerâmico dentro de uma coletividade traz a valorização do sujeito e de sua capacidade criadora, resgata seus saberes e é potencialmente transformador. Relacionado ao contexto escolar, se faz referência ao sociólogo, filósofo e antropólogo Edgar Morin (1921) que, como aponta Moacir Gadotti (2000), propõem paradigmas na educação que sustentem um princípio unificador do conhecimento e do saber, valorizando o cotidiano e a vivência de cada um, ou seja, aquilo que é singular dentro de um todo.

METODOLOGIA

Entramos em duas salas do sétimo ano, em que a professora Luciana estava trabalhando Arte Indígena, através de grafismos, pintura, argila e produção de tapetes trançados. Num primeiro momento, pudemos observar essas diferentes atividades acontecendo simultaneamente, fora da sala de aula, podendo ocupar diversos espaços da escola. Foi muito interessante e nos deu a ideia de trabalharmos uma mesma introdução para práticas distintas.

Em ambas as turmas, trabalhamos o conceito de arte enquanto cultura, trazendo diversas imagens da história mais remota à mais recente de tribos indígenas brasileiras, incluindo ilustrações de história em quadrinho e notícias sobre conflitos por demarcação de terras. Gerou-se uma discussão, uma troca de experiências sobre tal questão e lançamos algumas referências artísticas. O teor crítico tomou grande parte dos comentários, com levantamento de questões sobre injustiça, parcialidade da História oficial e descaso dos



Comunicação Científica de Iniciação à Docência

governos e da grande mídia, ótimas reflexões que coincidiam com o presente momento, inclusive da educação.

Foi dada uma introdução sobre a obra do artista Pablo Delgado e sua importância sobre a questão da visibilidade das minorias e pessoas marginalizadas na sociedade. O artista trata da arte urbana como forma de crítica à invisibilidade dos grupos marginalizados da sociedade, colocando pequenas imagens retratando esses grupos em rodapés de calçadas e muros.

Em uma das salas a ideia foi produzirmos *Lambe Lambe*, uma prática que vem do inglês *wheat-paste*, muito recorrente na Arte Urbana, que consiste basicamente em pôsters artísticos de tamanhos variados colados em espaços públicos, seu início está muito relacionado a uma forma eficaz e barata de divulgação, seja de mensagens artísticas, políticas, poéticas e até mesmo publicitárias. Utilizando as imagens trabalhadas em sala na introdução do assunto, impressas em formatação reduzida e contendo cenas que expunham os conflitos e o desrespeito que os indígenas brasileiros vivem diariamente, os estudantes fizeram intervenções com tintas e lápis de cor e espalharam tais imagens pelos espaços da escola, como rodapés, cantos e muros baixos.

Já na outra sala, trabalhamos a cerâmica na produção de um painel mural. Levamos para o colégio cerca de 40 placas de argila no tamanho 10x10 cm, e a proposta era desenhar nessa superfície, provocando o baixo relevo, temas com referência aos grafismos indígenas e às imagens trabalhadas em sala. Lembramos que a argila está presente na mitologia da criação de diversos povos, incluindo os Kaigangs. Além de imagens da arte indígena, levamos como referência de painéis cerâmicos o artista Juan Miró (PEREZ, V; 2010)

Além de observações sobre o contato com uma matéria diferente para se desenhar, os estudantes tinham a opção entre juntar suas plaquinhas como base para um desenho maior, ou criar seu desenho individualmente. Cada um teve autonomia para escolher como fazer, um momento que possibilitou uma reflexão sobre a diversidade, seja no traço, na arte, na cultura, como elemento fundamental de integração e de troca.

O passo seguinte dessa proposta foi uma visita à cerâmica em que as placas foram queimadas. Lá, os alunos puderam entrar em contato com o processo de preparo da argila,



Comunicação Científica de Iniciação à Docência

modelagem, seca e queima das peças. O local visitado foi a Cerâmica São Marcos, situada na cidade de Ibiporã. A última etapa dessa proposta foi a montagem e colocação definitiva do painel no pátio do colégio.

O barro está presente em nossa história desde os primórdios da humanidade, devido às suas características e potencialidades, sendo utilizado nas mais diversas finalidades, entre arquitetônica, utilitária e decorativa. Aliado a propriedades de alguns elementos que aprimoram sua característica modelável, o barro se transforma em argila, e com a ação da queima, a argila se transforma em cerâmica, definindo assim, uma grande capacidade de criação e expressão tridimensional.

Para a artista-educadora Celeida Tostes (1983), o fazer cerâmico dentro de uma coletividade traz a valorização do sujeito e de sua capacidade criadora, resgata seus saberes e é potencialmente transformador. Relacionado ao contexto escolar, se faz referência ao sociólogo, filósofo e antropólogo Edgar Morin (1921) que, como aponta Moacir Gadotti (2000), propõem paradigmas na educação que sustentem um princípio unificador do conhecimento e do saber, valorizando o cotidiano e a vivência de cada um, ou seja, aquilo que é singular dentro de um todo.

Fig. 1. Obras do artista Pablo Delgado usadas como referência em sala de aula.



Fonte: globalstreetart.com/artists/pablodelgado

Fig.2. Processo de desenho nas placas de argila e visita a casa de cerâmica.



Comunicação Científica de Iniciação à Docência



Fonte: Os autores.

Fig. 3. Imagens em formatação reduzida levadas como referência para escolha dos alunos.



Fonte: diplomatique.org.br/um-gosto-amargo-de-deja-vu-desenvolvimento-e-os-indios

Fig. 4. Processo de fixação das imagens nos muros internos do colégio, através do lambe-



Comunicação Científica de Iniciação à Docência lambe.



Fonte: os autores.

ANÁLISE DE DADOS E RESULTADOS ALCANÇADOS

Na prática com o *lambe-lambe*, foi interessante as conexões feitas pelos estudantes, sobre as imagens levadas para a sala de aula, que representavam conflitos e outras idéias dentro da temática indígena. Percebemos a necessidade de se abordar tal assunto de forma a estimular o pensamento crítico e transformador, pois ao levarmos um artista que se utiliza de espaços públicos para trazer à tona questões de cunho social, mas que não ignorados pela maioria, os estudantes se entusiasmaram em pensar os espaços do colégio como suporte potente para o assunto que estávamos debatendo. Esse contato com a Arte Urbana, foi uma prática que teve intensa participação da turma. Além de expor os problemas do indígena no interior da escola, os estudantes perceberam que também podem usar as paredes do colégio como tela como meio de expressão.

Já na experiência com a argila, o tempo delimitado pela duração das aulas regulares nos desafiou na adaptação da forma da matéria, ao invés de livre modelagem, baixo relevo em placas, beirando a bidimensionalidade. Essa configuração também consideramos como tendo sido de extrema importância, ciente da necessidade de pensar diversas materialidades



Comunicação Científica de Iniciação à Docência

adaptadas ao tempo das aulas regulares e a realidade da atuação docente em outros espaços escolares. Com isso, destacamos a importância do trabalho com intuito de expandir as noções de produção e entendimento de arte pelos alunos, de modo que a troca da materialidade e a mudança do plano bidimensional para o tridimensional afeta o pensamento artístico e motiva a plasticidade desse pensar arte.

Com isso, concluímos que as propostas foram eficazes em criar uma reflexão sobre os acontecimentos com os povos indígenas no Brasil, além do desenvolvimento da produção artística utilizando um elemento antigo e importante como a argila, e a colagem das imagens pelos espaços do colégio problematizam a (in)visibilidade do índio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O PIBID nos coloca em contato direto não apenas com a rotina escolar dentro de sala de aula, mas com embates políticos e sociais muito concretos, em que a educação pública se configura como alvo constante de ataques, mas ainda assim, esse espaço é talvez onde resida a maior das esperanças. A docência nos vem, a princípio, como consequência de um curso em Artes Visuais, no entanto, passamos a pensá-la enquanto uma escolha ativa e potente, uma forma de resistência, de livre expressão, de abertura para diversas manifestações, pensando a arte enquanto linguagem, enquanto cultura, enquanto prática que nos ajuda a nos comunicarmos.

Nesse sentido, a inserção de novas linguagens artísticas para os alunos no ambiente escolar, no caso, o *lambe-lambe* e a cerâmica, nos vem como práticas capazes de explorar a fundo a subjetividade na criação e expressão, o senso de coletividade na troca de experiências e respeito à diversidade cultural, a noção do corpo e do gesto enquanto partes ativas e pensantes na atividade artística e modeladores de objetos no espaço. Tais experiências nos mostraram como o docente consegue construir e apresentar meios criativos para os alunos que fujam à zona de conforto, proporcionando um novo pensar artístico que resulta em novas possibilidades para o aluno, dentro e fora da sala de aula. Assim, um novo fazer artístico aliado a um tema de discussão interessante rendeu uma produção em arte capaz de contar as experiências dos alunos, professores, e do meio em que se articulam.



Comunicação Científica de Iniciação à Docência

REFERÊNCIAS

C.E. PROFESSORA MARIA JOSÉ BALZANELO AGUILERA. **Projeto Político Pedagógico**, 2016.

CORRÊA, Guilherme Carlos. **Oficina: Novos Territórios em Educação**. In Pedagogia Libertária, experiências hoje. Editora Imaginário. 2000.

DEWEY, J. **Arte e experiência**. Nova York: Pequin Putnam, 1934.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, Moacir. **Perspectivas Atuais da Educação**. Rev São Paulo em Perspectiva. São Paulo, 14 (2) 2000.

KASTRUP, Virgínia. **Aprendizagem, Arte e Invenção**. Revista Psicologia em Estudo. Maringá, v6, n1, p 17-27, jan/jun 2001.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica – Arte**. Curitiba, 2008. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/diretrizes/dce_arte.pdf

PEREZ, Valmir. **Joan Miró i Ferrà: inocência que transcende o mito da razão**. Série luz e arte: Lume arquitetura, v.84, p.84 – 91, 2010.

RODRIGUES, Maria Regina. Colaboradores: Júlio César da Silva, Penha Schirmer, Tatiana Campagnaro e Terezinha Drago. **Cerâmica**. Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, 2011.

Palavras-chave: PIBID, Cultura Indígena, *Lambe-lambe*, Cerâmica.